

USP ESALQ – ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Veículo: Revista Jornal de Piracicaba

Data: - /08/2009

Link: -

Caderno / Página: - / 88

Assunto: Bairro nasceu em torno da ESALQ

BAIRRO NASCEU EM TORNO DA ESALQ

Mateus Medeiros/JP

CRISTIANE BONIN
cristiane@jppjournal.com.br

A ocupação urbana no bairro Agronomia — que leva o nome em função da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz) — teve início na década de 60. Conforme levantamento do Ipplap (Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba) com base em dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a população no bairro é de 183 habitantes. A Agronomia faz divisa com os bairros Monte Alegre, Unileste, Jardim Abaeté, Santa Cecília, Vila Independência, São Judas, São Dimas, Clube de Campo, Areão e Santa Rosa.

Conforme a historiadora Marly Therezinha Germano Perecin, na primeira metade do século 20 existiam apenas estradas de terra para o bairro Monte Alegre e outra até a cidade, distante 3 quilômetros da fazenda São João da Montanha, onde hoje fica o bairro. “A urbanização só chegou na segunda metade do século 20 e até então só existiam chácaras de ambos lados produtoras de flores, hortaliças e uvas.”

O bairro Cidade Jardim foi o primeiro loteamento da redondeza, relata a historiadora. “Seguiu-se com o Jardim Europa e São Dimas.” A expansão urbana ao longo da avenida Independência uniu-se com a Carlos Botelho para depois chegar até o Clube de Campo pela avenida Torquato da Silva Leitão.”

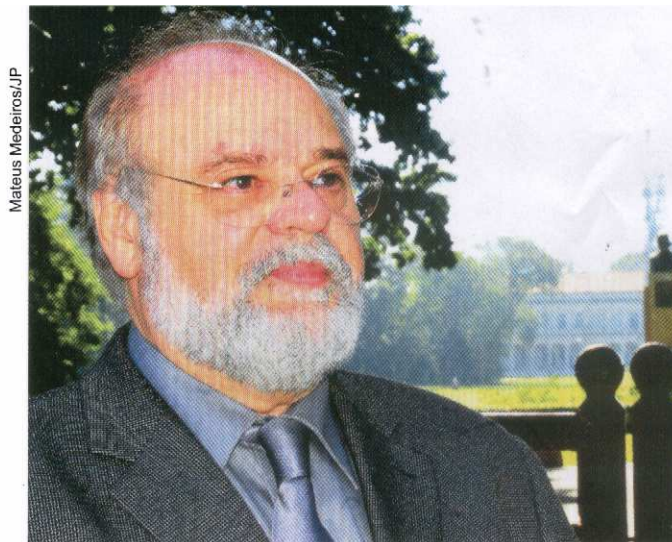


Esalq foi inaugurada no início do século 20; ocupação urbana ao redor começou na década de 60

Antes da urbanização, Marly conta que o acesso à Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), que até 1931 foi chamada de Escola Agrícola Prática, era um tanto quanto difícil. “Naquele tempo chegar até a escola não era tarefa fácil. A estrada era tão íngreme e a escola chegou a ficar sem funcionar. Os alunos tinham que comprar cavalo para passar pelo mato, brejo e buracos”, relata. A historiadora conta que a Agronomia era a parte nova de Piracicaba. “E elegante até”, diz.

AGRONOMIA — Entre 1892 e 1901 — quando a Escola Agrícola Prática foi inaugurada, a construção em terras doadas pelo empresário Luiz Vicente de Souza Queiroz passou por altos e baixos. O alemão Leon Alphonse Morimont, engenheiro agrônomo, foi trazido em 1893 à fazenda para executar a recuperação do patrimônio e adequação do local ao objetivo educacional. Falecido em 1898, Luiz de Queiroz viu a construção parar em 1896. Morimont fez o que pôde ao acessar secretários e o Tesouro, mas o dinheiro não veio e ele foi derrubado do cargo. Somente em setembro de 1899 a verba voltou a chegar junto com o final do prazo.

Em 1931, a escola recebeu o nome atual e em 1934 foi encampada pela USP. “No início do século 20, a escola chegou a funcionar com três alunos. Neste século formamos o engenheiro de número 10 mil, recebemos alunos de 13 países e temos 60 esalquianos no exterior. Em um curto espaço de tempo passamos da agricultura para o agronegócio, o sustentáculo da economia brasileira”, diz o diretor da Esalq, Antonio Roque Dechen. O Cena (Centro de Energia Nuclear na Agricultura) foi construído em 1968 com a finalidade de expandir as pesquisas sobre o uso de energia nuclear.



Antonio Roque Dechen relata a intenção de Luiz de Queiroz

ESCOLA FOI IDEALIZADA POR LUIZ DE QUEIROZ

O empresário e empreendedor Luiz Vicente de Souza Queiroz vislumbrou na fazenda São João da Montanha – de 319 hectares e servida pelo rio Piracicaba e ribeirão Piracicamirim – o desenvolvimento do agronegócio brasileiro. O lugar aonde estão estabelecidos a Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz) e o Cena (Centro de Energia Nuclear na Agricultura) foi palco de uma batalha política para a implantação da Escola Agrícola Prática – nome da Esalq enquanto a escola foi vinculada à Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, no período de 1901 a 1943.

O embate com o poder público foi travado, inicialmente, pelo próprio dono da fazenda, que queria que o Estado implantasse ali uma escola agrícola. “A fábrica de tecidos Santa Francisca, onde funcionava a Boyes, era de Luiz de Queiroz e a fazenda fornecia matéria-prima — algodão. Na época, a produtividade era baixa e uma doença se alastrou na região. Luiz de Queiroz precisava de técnicas agrícolas para contornar a situação e tocar sua fábrica”, relata o diretor da Esalq, Antonio Roque Dechen.

O sonho da escola agrícola começou na década de 1890 com uma viagem à Europa e à América do Norte, quando Luiz de Queiroz encomendou projeto arquitetônico e importou profissionais para sua execução. Ao retornar, colocou 200 trabalhadores na obra e ergueu duas olarias, uma serraria a vapor, um forno de cal e explorou pedreiras que havia na fazenda para produzir materiais da construção civil.

Luiz de Queiroz recebeu respostas negativas do Estado aos seus pedidos de subsídios e isenção de fretes dos materiais de construção. A doação da fazenda ao Estado foi o caminho que o rico fazendeiro encontrou para viabilizar a sua tão almejada escola. O fato aconteceu em 1892 e foi dado um prazo de dez anos para que a escola funcionasse. “Se a escola não formasse pelo menos um aluno ao ano, a fazenda voltaria para a família”, diz Dechen. **(Cristiane Bonin)**